

# Na crise, o que foi feito das pessoas que pertenciam à nova classe média?

 [g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/na-crise-o-que-foi-feito-das-pessoas-que-pertenciam-nova-classe-media.html](http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/na-crise-o-que-foi-feito-das-pessoas-que-pertenciam-nova-classe-media.html)

Na rua sofisticada de Ipanema, por onde caminhei à noite de sábado em visita a amigos, fui percebendo que algumas calçadas, mesmo largas e bem decoradas pelos prédios suntuosos, são mais escuras e pouco convidativas. Aos poucos fui observando que a diferença entre os espaços mais habitados e com a sensação de maior segurança, é a presença de comércio, restaurantes, que ajudam a dar movimento e sentido de ocupação às calçadas.

Essa imagem me fez pensar no Centro da cidade e suas lojas fechadas nas noites de fim de semana, mesmo nesse clima de festas, tornando a maioria das ruas nada aprazíveis. Ali se aglomeram os excluídos, as pragas urbanas, lixo aos montes. Triste cenário. Não é assim em todas as cidades. Em países europeus há uma motivação de se ir para o Centro à noite, mesmo quando é sábado, domingo, ou dia de semana. Chama-se a isso “dar vida à região”. Ouço discursos de prefeito após prefeito com essa intenção, mas não é o que se vê. Ruas mal iluminadas e pouco ou nenhum policiamento não atraem a maioria das pessoas para o Centro do Rio à noite.

A não ser quando há festas alternativas ou no carnaval.

E é nessas ocasiões, em geral, que quem está sendo atingido diretamente pela crise vai às ruas para ganhar o pão. São chamados de ambulantes. (Muitos desses não chegaram agora, já estão acostumados ao ganho marginal para o qual o sistema os lançou). A competição é injusta com os comerciantes que pagam impostos, salários e ficam às moscas quando as pessoas decidem optar por comer, beber e se divertir nas ruas. Chama-se a isso falta de administração segura para orquestrar uns e outros, porque há clientes para todos. Mas este é o retrato de um período conturbado no país, com agravamento de questões econômicas, políticas, institucionais, do qual ninguém há de sentir saudades.

Conta-se mesmo que, todos os dias, chegam carros em pontos estratégicos do Centro carregados de marmitas de isopor com comida pronta para vender a um preço mais acessível do que os restaurantes mais populares. O cidadão, também com dinheiro curto, acaba preferindo a iguaria mais barata, sabe-se lá de que procedência. E lá se vai pelo ralo o sonho do outro, o microempreendedor que abriu uma loja na época da Nova Classe Média e agora, na crise, descobriu-se nada resiliente às leis severas do mercado financeiro.

Refletindo sobre isso, descobri na web o dossiê publicado pela Fundação Heinrich Boll Brasil e organizado por Dawid Bartelt e Marilene de Paula, que se chama “É o fim da nova classe média? Trabalho, religião e consumo em tempos de crise”. Ajuda a organizar as reflexões, contamina com valores diferenciados. Vale ler.

Pincei pontos que me ajudarão a costurar meus pensamentos.

“A Receita estima que exista hoje em torno de R\$ 1,7 bilhão de débitos declarados e não pagos por MEIs, o que atinge um total de aproximadamente 2 milhões de microempreendedores. Dos 955,3 mil CNPJs abertos entre janeiro e maio deste ano (2017), 79,2% eram MEIs, segundo dados da Serasa. Em 2013, essa parcela era de 42%. Segundo o Sebrae, 23% das empresas no Brasil fecham as portas nos dois primeiros anos”, diz o relatório.

Análise dessa envergadura, que se propõe a lançar um olhar socioeconômico sobre a atual sociedade brasileira, não poderia deixar de fora o aspecto político. O pano de fundo é a crítica ao governo Lula por ter se rendido às falsas promessas do capitalismo e ter feito os mais pobres acreditarem que a inclusão social pode ser pelo consumo.

“Só que essa inclusão dos pobres enquanto pobres, quer dizer, essa nova classe média incluída pela faixa de renda, diz respeito a um novo tipo de capitalismo no qual estamos na realidade global. Capitalismo esse que não propõe mais o emprego, mas a empregabilidade. Na empregabilidade o melhor emprego é aquele que não acontece, ou seja, quando você é contratado como pessoa jurídica, o que é uma ficção. Esse tipo mistura as formas tradicionais de mobilização da precariedade que o Brasil e o Rio conhecem desde sempre com as formas ligadas aos processos de modernização. Então nós temos a mobilidade dos pobres, mas que continuam sendo pobres”, comentou sociólogo Giuseppe Cocco com seus pares na reunião convocada pela Fundação em 2016 e que deu início ao dossiê publicado em junho deste ano.

Uma reflexão nessa mesma linha é feita recorrentemente por Jessé Souza, também sociólogo e autor do livro "Os batalhadores brasileiro" (Ed. UFMG). Será que existe justificativa para chamar as pessoas que, por exemplo, dão um duro danado para comprar um telefone celular em diversas prestações, de nova classe média? Na verdade, uma introdução às conversas do relatório lembra que a sigla foi criada pelo economista **Marcelo Neri (FGV)** quando esteve à frente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2012 a 2014. Hoje em dia, porém, a expressão não tem

sido mais mencionada, nem pelo presidente Temer nem pela mídia. A Secretaria de Assuntos Estratégicos, pasta ocupada por Neri, que tinha status de ministério, foi extinta em 2015 e recriada por MP em 2017 como secretaria ligada à Presidência.

A centralidade, portanto, não está na expressão "classe média", mas no pobre, afirma Cocco. E a pergunta recorrente é: nessa crise instalada, para onde vão as pessoas que tiveram acesso a determinados bens de consumo e hoje estão reduzidas por causa da questão da crise econômica, pois tiveram esse avanço muito mais pela valorização do salário mínimo e não das políticas de transferência de renda? Onde se agarram?

"Se usássemos termos tradicionais, o que mais se aproxima dessa classe seria uma 'nova pequena burguesia', porque são setores que, na maioria das vezes, são ligados ao empreendedorismo, um empreendedorismo aventureiro sobre o mundo, se reorganizando para o trabalho de outras formas que não tem a ver com a questão dos assalariados e estão buscando o seu espaço no mundo", completa Cocco.

Gosto do debate levantado pela antropóloga Carla Barros, ainda durante a reunião pré-lançamento do dossiê. Para ela, é preciso considerar que esse grupo sobre o qual estamos falando é formado por pessoas heterogêneas, sem identidade única. Nesse ponto, eu me permito sair da "discussão" do dossiê, não sem antes recomendar que o leiam.

Mas o foco na singularidade me abre a chance de buscar outro autor que destrincha o conceito de classes, pontuando que estas operam "a redução da multiplicidade a dualismos e a um todo coletivo que totaliza que uniformiza as singularidades irreduzíveis". Trata-se de Mauricio Lazzarato, sociólogo e filósofo italiano, cujas reflexões andam movimentando o mundo da filosofia sob o viés econômico. Seu livro "Revoluções do Capitalismo" (Ed. Civilização Brasileira), para mim, não encerra a discussão. Acrescenta dados que me levam a refletir ainda mais, nesse momento difícil, de tanta polarização, que estamos atravessando. Também vale a leitura, mas falarei mais sobre ele num próximo texto.

